

CEDI - P. I. B.
DATA 16 05 98
COD BWD17

I II
E EE
A AA
U UU

P PH
B

T TH GERALD TAYLOR
D

K KH

M HM PROPOSTA ORTOGRÁFICA
N HN PARA O BANIWA DO IÇANA
Ñ HÑ

TS H
DZ

R HR
R̂ HR̂

W HW
Y

Chantiers-Amerindia
Suplemento N°2: AMERINDIA 15
A.E.A. Paris, janeiro 1989

No mês de dezembro de 1984, fui convidado pelo Padre A. Casanovas da Missão salesiana do Içana a realizar um estudo sobre a língua baniwa. As três semanas de que dispunha, foram breves demais para conseguir um conhecimento adequado da língua mas, graças à ajuda de um grupo de excelentes informantes, foi possível acumular uma quantidade importante de documentos - gravações, textos transcritos, léxicos, dados sintáticos - os quais segui pesquisando em Paris. Em julho 1988, voltei a São Gabriel da Cachoeira, onde tive a possibilidade de verificar os resultados da minha pesquisa. O texto que apresento aqui, é uma primeira tentativa de sistematizar e de publicar uma parte desse material e de responder ao pedido formulado pelo P. Casanovas em 1984.

A presença de baniwas ("banibas") e de uerequenas no Içana e no Xié é documentada desde o século XVIII. Devido aos "descimentos" dos Índios do Alto Rio Negro nessa época, também se constata a sua presença em numerosos outros sítios do rio, como, por exemplo, Barcelos. Os etnógrafos brasileiros contemporâneos e a população mestiça do Alto Rio Negro geralmente designam a população de fala arawak do baixo e do médio Rio Içana pelo nome de "baniwas" e os do alto Içana pelo nome de curripaco. O origem do termo "curripaco" parece ser a palavra utilizada para a negação nessa fala: *kuñi* e a forma impessoal: *paaku* /pa-aku/ "fala-se". É verdade que se utiliza frequentemente a negação para distinguir os sub-grupos lingüísticos da área (os que dizem *ñame*, os que dizem *kañu*, etc.), mais ou menos como na Idade Média se distinguia a língua românica de "oFl" da de "oc".

Basicamente, "baniua" (que escrevo baniwa neste texto) e "curripaco" são a mesma língua com algumas diferenças lexicais e, talvez, sintáticas. Na fonética, a principal diferença parece ser a transformação da palatal, que se pronuncia (j), (dj) ou (y) nas diversas línguas do ramo "maipure" do arawak, em africada dental sonora dz (ddz) em baniwa, ex. *dʒaawi* (curripaco) *dzaawi* (baniwa) "onça". De qualquer maneira, todas as formas raras, que se ouvem nas gravações de outros falantes, são considerados pelos baniwa waríperi (siusí-tapuya) como variantes "curripaco". A língua, que designo aqui "baniwa", corresponde àquela do léxico "siusí" de Koch-Grünberg e às chamadas Siwsí, Huhudeni e, parcialmente, às chamadas Juruparí-tapuya, Yawareté-tapuya, Sukuružu-tapuya, Žiboya-tapuya e Kumādene nos léxicos do Padre A. Brúzzi. A língua chamada "Baniwa" por Koch-Grünberg, falada no Rio Guainia na Venezuela, pertence a outro ramo da família arawak e deve ser o "Baniua verdadeiro" de Nimuendajú. Koch-Grünberg também chama outra língua, que classifica na família "Betoya" (tukano), "baniwa". J.D. Hill utiliza o nome Wakuénai para designar o conjunto de cinco dialetos do arawak setentrional (desafortunadamente não identificados no seu texto) para distingui-los do baniwa venezuelano. Traduz Wakuénai por "gente de nossa língua". É verdade que *waakunai* (/wa-aku-nai/ 'nossa-fala-sufixo associativo' = "nossas falas") distingue o curripaco e o baniwa do Içana - estreitamente aparentados - dos *maakunai* (/ma-aku-nai/ 'prefixo privativo-fala-sufixo associativo' = "os que não têm língua") "os grupos cuja língua não se compreende" como os tukano ou os macu (talvez derivado de *maaku*, já que o Rio Negro era um rio predominantemente arawak).

3

Contudo, não parece ser geralmente reconhecido como a designação da língua do grupo e, sobretudo, só pode ser usado por falantes nativos da língua. Talvez, a maneira mais eficaz de distinguir as duas línguas, seria de seguir falando de baniwa do Içana e de baniwa do Guainia.

Proponho aqui um alfabeto para transcrever o baniwa do Içana. Baseia-se na análise fonológica do material gravado em 1984 por Viriato e Humbelino Plácido e por Domingo de Souza Paiva, ampliada e corrigida em 1988 graças à ajuda de Regina Cordeiro Paiva e Humbelino Plácido. Desejo exprimir aqui a todos esses amigos e também ao Padre Casasnovas a minha gratidão pela possibilidade de trabalhar com eles e de aprender algo desta bela e sumamente interessante língua.

No final deste folheto encontra-se a transcrição de um texto gravado por Domingos de Souza Paiva em 1984. Ilustra a aplicação dos princípios ortográficos expostos aqui. Os primeiros dez enunciados são interpretados foneticamente segundo o sistema seguido no resto do documento.

Gerald Taylor

UA 1026-C.N.R.S.

París, janeiro 1989.

* Evidentemente, um baniwa ou um curripaco pode dizer: *riakne waaku* "(ele) sabe a nossa língua" mas o estrangeiro deve dizer: *nwahne piaku* ou *iaku* "sei a língua de você" ou "de vocês".

BIBLIOGRAFIA

- BRÚZZI, Padre Alcionílio: *Discoteca etno-lingüístico-musical das tribos dos rios Uaupés, Içana e Cauãburi* 1961
- GALVÃO Eduardo: "Mudança cultural na região do Rio Negro" in *Encontro de sociedades*, Rio de Janeiro 1979.
- HILL, Jonathon D. "Representaciones musicales como estructuras adaptivas: La música de los bailes ceremoniales de los Arawakos Wakuénai". *Montalbán* Caracas 1986.
- JOURNET, Nicolas: "Los Curripacos del Río Isana: Economía y sociedad", *Revista Colombiana de Antropología*, Bogotá 1981
- KOCH-GRUNBERG, Theodor: *Zwei Jahre unter den Indianern*, Graz 1967
- NIMUENDAJÚ, Curt: "Reconhecimento dos rios Içana, Ayarí e Uaupés (1927)" in *Textos Indigenistas*, São Paulo 1982.
- WRIGHT, Robin Michael: *History and religion of the Baniwa peoples of the Upper Rio Negro Valley* PhD 1981, Ann Arbor, Michigan.

Não pretendo apresentar aqui uma descrição fonológica do baniwa. Desejo apenas inventariar os símbolos gráficos que me parecem apropriados para transcrever a literatura oral dessa língua. Por não se tratar de uma descrição fonológica detalhada, indico geralmente só um dos valores fonéticos de um fonema determinado, o que me parece ser suficiente para que o falante de baniwa reconheça os fonemas da própria língua e que o falante de português reconheça as características gerais do sistema fonológico esboçado. Necessita-se ainda realizar um estudo aprofundado da fonologia baniwa, das variedades locais, da relação com o curripaco e com as demais línguas arawak da região a fim de se obter uma descrição fonológica mais adequada da língua.

Existem textos escritos em baniwa, principalmente traduções de documentos religiosos (cristãos evidentemente) e métodos de ensino da língua preparados pelo grupo missionário Novas Tribos. O mesmo sistema gráfico é também usado por etnógrafos que trabalham no Brasil e na Colômbia. Contudo, embora seja bastante difundido entre os baniwas e curripacos educados nas missões protestantes, não se pode dizer que reflita de maneira adequada a realidade fonológica da língua. Indica sistematicamente as consoantes aspiradas pelo signo diacrítico circunflexo (^), o que poderia se justificar se não se representasse a glotal aspirada por h e o valor fonético (não fonêmico) de certas oclusivas geminadas pelo mesmo símbolo. Por exemplo, "th" = /t/ (tt). As outras oclusivas geminadas, /p/ (pp) e /k/ (kk) são transcritas sem "h". Como nas transcrições do nheengatu, distingue-

se o valor fonêmico da vogal /u/ e da consoante /w/ pelos símbolos "o" e "u" respectivamente, talvez por considerar que "w" pareça excessivamente anglo-saxão. Ao mesmo tempo, usam-se "k" e "y" nas suas transcrições embora essas letras tampouco pertençam ao sistema gráfico habitual do português. A transcrição de r (~~vibrante simples ou "flap" lateral segundo o falante e o contexto~~) por "l" e de ʀ (vibrante ou fricativa palatal segundo o falante e o contexto) por "r" cria certa confusão quanto à natureza desses dois fonemas e não permite a formulação simples da sua neutralização entre duas vogais anteriores, por ex. *neeri* (nneeʀi) "veado".

Para que os falantes de português compreendam mais facilmente o valor dos fonemas do baniwa no sistema que apresento aqui, indico entre parênteses o equivalente fonético aproximativo de cada fonema e de cada exemplo. Quando é possível, utilizo grafias que representam sons que existem em português mas é preciso lembrar que nenhum som do baniwa tem um equivalente exato em português.

- - - -

A quantidade vocálica ou consonântica (geminção) é indicada pela repetição do símbolo gráfico que representa a vogal ou a consoante afetada por tal fenômeno: ex. *neeri* (nneeʀi) "veado".

Os cinco fonemas seguintes são os que menos se aproximam aos sons do português:

r (r), ^{vibrante} ~~vibrante simples ou "flap" ou "flap" lateral alveolar segundo o informante e o contexto~~. O lusofalante ouve um som entre "r" e "l".

ʀr (hr) é r pré-aspirado. O lusofalante ouve um som entre "hr" e "hl" ("h" corresponde aproximativamente ao som que a maioria dos brasileiros associam com a grafia "rr").

ʀ̃ (ʀ̃), vibrante ou fricativa palatal: aproxima-se ao som transcrito pelo "j" português.

ʀ̃̃ (hʀ̃̃), fricativa palatal surda produzida pela pré-aspiração do fonema /ʀ̃/; aproxima-se ao som transcrito pelo "x" português.

ʀw (hw); geralmente o lusofalante ouve um som parecido ao "f" português mas não é lábio-dental; é bilabial. É produzido pela pré-aspiração da consoante lábio-velar /w/.

Os dígrafos *ph, th, kh, hm, hn, hñ, hr, h̃, hw, ts* e *dz* representam fonemas únicos. As soantes *m, n, ñ, ɲ, ɲ̃* e *w* pré-aspiradas se tornam surdas.

A SÍLABA

A sílaba em baniwa corresponde às fórmulas seguintes:

sílaba inicial	sílaba não inicial
(C)V(N)	CV(N)
(C)ṼṼ	CṼṼ
(C)ṼV	CṼV
(C)ṼṼ (?)	CṼṼ ← (C)ṼṼṼ (?) C̃ṼṼṼ

V indica a vogal breve.

VV indica a vogal longa.

ṼV indica o ditongo crescente.

ṼṼ indica o ditongo decrescente.

(C) indica a presença não obrigatória de uma consoante em posição inicial absoluta.

C indica a presença obrigatória de uma consoante

como primeiro elemento de uma sílaba não inicial de palavra.

(N) indica a possível presença de uma consoante nasal como último elemento de uma sílaba não final.

. indica a separação das sílabas.

í.na V.CV "(vocês) vêm"

ka.ɸe CV.CV "frio"

aa.ɸé VV.CV "cobra"

kaa.ɸe CVV.CV "verdadeiro"

nó.ísee.na CV.CVV.CV "(ele) passa"

ta.íe VV.CV "(vocês) costumam dar"

ría.na CĪV.CV "(ele) vai"

nó.íɸua CV.CĪV "(ele) deita"

ke-ɸuai-té cv cĪVV-CV "brabo"

A fórmula VĪ em posição inicial absoluta não foi atestada mas é provável que exista.

e.íad V.CVĪ "banco"*

* Não há exemplos atestados da presença da semi-vogal "u" em posição inicial absoluta; tampouco aparece como segundo elemento de um ditongo.

ní.wen.ta CV.CVN.CV "(ele) compra"

~~pa.ɸ.é CVVN.CV "casa"~~*

* Na realidade, N só se refere a n, embora seja possível ouvir (iphonte) ou (iphôte) como variantes de íphôte "depois de vocês" devido à supressão da vogal i não acentuada. Este fenómeno ocorre também em outras palavras. O número de palavras que contêm n em posição final de sílaba é muito limitado. Como ~~palavra de origem baniwa talvez só haja paanti "casa" onde si~~ representa o sufixo absolutivo. Há também o empréstimo do português ~~compra "comprar" ou "vender".~~ A vogal que precede a nasal é geralmente alongada.

VOCAIS

Em princípio, o baniwa distingue 3 vogais breves:

i u
e
a

e as correspondentes longas:

íí uu
ee
aa.

Duvidei durante muito tempo do carácter fonémico da quantidade vocálica; a duração da vogal parecia um atributo da acentuação. No mês de julho de 1988, tive a ocasião de verificar vários aspectos da língua com informantes baniwas em São Gabriel da Cachoeira e gravei os pares mínimos seguintes:

ína (ĩna) "(vocês) mandam"*

íina (iĩna) "mulher(es)"

ína ina "as mulheres mandam"

kwépa (hwēppa) "pegamos"

kwéepa (hweéppa) "acreditamos"

kaɸe (hāppe) "frio"

kaape (haáppe) "verdadeiro"

ɸua (ɸūmma) "(ela) dorme"

ɸuuma (ɸuúmma) "(ela) quer"

* O acento agudo (´) indica intensidade e altura de notável contraste; (̄) indica intensidade e, às vezes, altura de contraste mínimo. As vogais longas acentuadas associam altura à intensidade; nas vogais breves, é possível encontrar o fenómeno de intensidade (às vezes, quase zero) dissociado da altura:

nukapa (nukkáppa) "vejo"

nukaapi (nukkáãppi) "minha mãe".

Na realidade, a acentuação das vogais breves é mínima e muito difícil de reconhecer. Se acrescentamos a partícula átona *-ka* a *hwēpa/hwēpa* e a *ñwa, ñwa*, ouve-se (hwēppákka/hwēppakka) e (ñwámákka/ñwámakka) respectivamente. Contudo, o acento tem um valor distintivo como se pode observar nas palavras seguintes:

ppépi (ppíppíí) "(você) envia"

ppépi (ppíppíí) "pupunha".

É necessário realizar um estudo muito mais aprofundado do sistema acentual do baniwa e da relação que existe entre tom, duração e intensidade.

CONSOANTES*

p/ph *t/th* *k/kh*

(*t*) *á*

m/hm *n/hn* *ñ/hñ*

s *h*

á

r/hr *ř/hř*

w/hw (*y*)

* Em princípio, todas as consoantes podem ser seguidas por qualquer vogal do sistema.

p (pp) oclusiva bilabial oral surda geminada:

ppénu (ppínnu) "(você) vem"

ppénu (ppiínnu) "sua mulher (de você)"

ppwe (ppūwwe) "macaco"

p̃ (ph) *p* aspirada:

kapha (kkāpha) 'partícula interrogativa'

kuphe (kkūphe) "peixe"

t (tt) oclusiva dental oral surda geminada:

téte (ttiíwwe) "remo"

itédari (ittāddari) "preto"

t̃ (th) *t* aspirada:

ithiti (ithítti) "olho" (absolutivo)

peéthe (ppeéthe) "beiju"

k (kk) oclusiva velar oral surda geminada:

nnewikki (nnewíkki) "gente, ser humano, tribo"

kenakúda (kkēnakkúdda) "quantos"

k̃ (kh) *k* aspirada:

kheena (kheēna) "pobre"

tshakhā (tshakhā) "também"

b̃ (bb) oclusiva bilabial oral sonora geminada:

bbārumme (bbārumme) "arrebentar"

bbukkūkkuri (bbukkūkkuri) "coruja"

bbūrumme (bbūrumme) "estourar"

* Não é certo que faça parte do sistema fonológico de base.

Aparece em poucas palavras onde talvez a sua origem é onomatopáica.

d̃ (dd) oclusiva dental oral sonora geminada:

ddepi (ddeppi) "noite"

ddaapa (ddaappa) "paca"

m̃ (mm) soante bilabial nasal geralmente geminada:

mannūpe (mannūppe) "muito"

rimmūtu (rimmūttu) "sai"

hm (hm) *m* pré-aspirada:

hmēpatsa (hmēppatsha) "não pegues!"

nukhmēxeri (nnuhmēxēfi) "meu irmão menor"

n (nn) soante dental nasal geralmente geminada:

neeni (nneēnni) "ai"

nuīna (nnuīnnūa) "(eu) mato" ou "bato"

hn (hn) *n* pré-aspirada:

nuīhna (nnūihnūa) ou (nnūihñā) "mordo"

nuāhne (nnūāhne) ou (nnūāhe) "sei"

*ñ** (ñ) soante palatal nasal ("nh" português):

nuīña (nnuīñā) ou (nnuīya) "bato"

nukēueta (nnukkeñuētta) ou (nnukkēyuētta) "começo"

hñ (hñ) *ñ* pré-aspirada:

nuīhña (nnūihñā) ou (nnūihya) "(eu) como"

nukñeta (nnuhñētta) ou (nnūhyētta) "esfrego"

* Prefiro a grafia *ñ* a de "nh", já que nesta transcrição.

h indica a presença da aspiração.

ts (tsh) africada dental oral surda aspirada;

nos empréstimos ao português e ao nheengatu, substitui o /s/:

tsetu (tsheētту) = "cesto" português.

mitša (mmiīntsha) "semana" (do port. "missa");

antes de *i*, palataliza-se: *toi* (txhi).

tsiixu (txhiīnnu) "cachorro".

dz (ddz) Africada dental oral sonora geminada. Corresponde a uma palatal do curripaco:

dzaawi (ddzaāwwi) "onça"

kadzū (kkāddzū) "assim"

Não há ocorrências de *dz* antes de *i* no corpus.

r (r) soante vibrante alveolar lateral oral:

raari (mmaāri) "garça"

karaka (kkarākka) "galo"

Entre duas vogais anteriores (i.e) se palataliza (=r̃):

keřinenti (kkeppifēnni) "passarinho"

tsaśni (itxhifi) "animal".

Contrastem:

ččkarē (yūkkari) /i-uka-ri/ "que chega" e

ččāčteř (ikkāittefi) /i-kaite-ri/ "que fala":

hr (hr) *r* pré-aspirada:

nuhrū (nnūhrū) /nu-hrū/ "para mim"

kwahrīpari (kwahrīpari) "jovem (homem)".

Entre duas vogais anteriores (i.e) se palataliza (=r̃):

hiwihfi (hiwihfi) "estrela"

r̃ (r̃) soante vibrante palatal oral:

maře (mmāře) "jacu"

keřappukuri (kkeřappūkkuri) "pacu".

Como se neutraliza com *r* entre duas vogais anteriores, não se nota o signo diacrítico que representa a palatalização (̃) nesse contexto:

neeri (nneēfi) "veado".

hr̃ (hr̃) *r̃* pré-aspirada:

ppihrua (ppihrua) "(você) deita"

riuhna (riuhna) "(ele) nada".

Como se neutraliza com *hr* entre duas vogais anteriores, não se indica o signo diacrítico que representa a palatalização (̃) nesse contexto:

pihriu (pĩhĩriu) /pi-hriu/ "para você"

cf. *wáhriu* (wãhriu) /wa-hriu/ "para nós"

dzakãrehre (ddzakkãrehĩe) /dzakare-hre/ "na direção do povoado"

cf. *awakkãdahre* (awakkãdahre) /awakada-hre/ "na direção do mato"

ɾ (w) soante bilabial oral geralmente geminada:

wéeteri (wweétefi) "inajá"

wawana (wawãna) "chamamos"

hw (hw) ɾ pré-aspirada:

karakêwe (kkarakêhwe) "ovo de galinha"

tãwĩa (ttũhwĩa) "quarto".

ɣ (y) soante palatal oral geralmente geminada:

Não é certo que se integre ao sistema fonêmico da língua ainda que a sua presença fonética seja atestada como variante de *i*: antes de outra vogal. Neste caso, acho que é melhor manter a grafia *i* para mostrar a identidade morfemática do som que representa:

iaku (yãku) /i-aku/ "(você) falam".

Em alguns casos, talvez convenha escrever *iɣu* (ĩɣu)

'mediante' e *marĩe* (mmarĩye) "faca" em lugar de:

iu e *marie* respectivamente.

ħ (h) fricativa glotal oral surda:

hãmuri (hãmmuri) "ano"

heema (heemma) "anta".

A NASALIZAÇÃO

Não propomos uma série de vogais nasais. Contudo, a nasalização é um fenômeno muito importante na língua. Geralmente, uma consoante nasal nasaliza a vogal seguinte

e prenasaliza a consoante inicial da sílaba seguinte:

dzamada (ddzammãdda) "dois (+ classificador)"

rimetta (rimmeetta) "(ele) abre".

Freqüentemente, o falante de baniwa indica essa nasalização de origem fonética previsível na grafia. Este fenômeno é tão característico da língua que, às vezes, pode-se ouvir uma palavra de estrutura insólita como *numenta* "compre" pronunciar-se como (nnummentta).

A aspiração se associa também à nasalização, sobretudo nos deícticos: *aãhã* (aãhã) "aqui", *atahã* (atahã) "ali", etc. e na fórmula de assentimento: *ũhũ* (ũhũ) ou (õhõ) "sim".

SANDHI

O fenômeno de sandhi é muito importante em baniwa. Geralmente, nas fronteiras morfemáticas, se produzem as transformações seguintes:

a + a + aa:

pa-aku + paaku "fala-se"

a + i + e:

pa-ãipa + pãepa "pega-se"

a + e + ee:

pa-ãepa + pãeepa "acredita-se"

a + u + aa:

pa-uma + paama "procura-se, deseja-se"

u + u + uu:

nu-uma + nuuma "procuro, desejo"

u + i + u ~ i ~ ui:

nu-ãita + nuita "tiro"

nu-ãiãa + nuĩãa "arranco"

nu-ĩãa + nuĩãa "bato"

Existe certa flutuação entre os falantes (e talvez entre formas locais) na aplicação dessas regras.

k. em início de morfema, se assimila à última consoante do morfema precedente:

- ph pí-^{*}hita + phita "(você) tira"
- ch rídzekata-^{*}hina + rídzekathena "(ele) fez"
- kh rídzekata-ka-^{*}hina + rídzekatakkena "(ele) fazia"
- hm dzama-^{*}hika + dzahmeka "dois (+ classificador)"
- hn nu-^{*}hita + hnuta "tiro"
- hñ Não atestado.
- hr rí-^{*}hita + hríta "(ele) tira"
- hñ ãu-^{*}hita + hñuta "(ela) tira"
- hw wa-^{*}hita + hweta "tiramos"

TEXTO

ISAIMI

Domingos de Souza Paiva

1. uupí neeni aphepa atsiarri
uúppi nneenni aphē(e)ppa atxhiā(ā)ri
2. inupna riáhnikawa
innuñna riā(a)hnikkawa
3. ñāmekka riukétaka rídzazũáñewa
ñāmmekka' riukkēttakka riddzañũā(a)hnewa
4. aqáwari riawa awakkáðhre
appā(a)wwari riawwa' awakkádda-hrē'
5. riuketaka iñaimi-iapiáza
riukkettakka iñāimiyappíddza
6. rítattha hrímá-hriā
rittātha-hrí(i)mmahría
7. kuawáða inupná-phéā
kkūawádda innuñnaphía
8. riaku hriēpaka (ou talvez hriēpaka)
riā(a)kku-hriē(e)ppaka
9. ñāmekka nukétaka nuðzañũáñewa
ñāmmekka' nnukkēttakka' nnuddzañũā(a)hnewa
10. riaku iñaimi: nua pihrin paxaata
riā(a)kku iñāimmi nnũā-ppihñiu pparáatta

A seqüência V(V) indica uma vogal semi-longa produzida provavelmente pela acentuação.

V' indica altura dissociada do acento tônico.

Û indica acentuação anormal, possivelmente emotiva.

̂ indica a perda do acento tônico e a integração ao padrão acentual do sintagma do que faz parte.

11. pikada-wâtsa pimâkaŕu-ipeŕãza apa tûkwiariku
12. kaahwi-wâtsa pikapa: pâkhame-wâtsa idzaŕuahneta
ihŕuákawa
13. ridzekata kadzu rinakapidzu
14. theŕwadzuhre ria rimeeta rikapa: pâkhame ráhŕuaka
idzaŕuahneta
15. ridzeena-wâtsa apeŕmadzu pakazpi hámuri
16. nunu hnuta-pŕiã, riaku rihriu
17. riwapeŕta até ria hripa apeŕmadzu pakazpi hámuri
18. neeni rikaite riinu-ihriu
19. pŕiwitã-hnuã
20. hŕuwitã, ŕukŕeŕta pirimaapa-iyu-ni
21. meŕveriku riŕuina hritani kriã inãimi
22. neeni riaku: uupi-piã mariúmeni pianitami-ihriu paraata
23. matsiãtsa-wâtsa, phiãmetsa watsa iã nûinai, riaku
24. uupi hripa rikacpinaku
25. uupi ridẽfni awakãdahre, neekre riã rihŕani

A maiúscula indica que a duração vocálica é possivelmente a consequência do acento tônico.

O DEMÔNIO

TRADUÇÃO

1. Antigamente tinha um homem.
2. Andava triste.
3. Não conseguia a sua "mercadoria"*. Tradução do narrador: coisas úteis para a casa.
4. Uma vez foi para o mato.
5. Encontrou-se com o "demônio"*. Espírito do mato: o demônio dos missionários.
6. Perguntou para ele:
7. "Porquẽ você anda triste?"
8. Respondeu:
9. "Não consigo a minha "mercadoria""
10. O demônio disse: "Eu dou prata para você".
11. Antes de dormir, você vai colocã-la num quarto.
12. Quando você acordar, vai ver a "mercadoria" amontoada (ali).
13. Fez como ele tinha mandado.
14. No dia seguinte foi abrir e viu a "mercadoria" amontoada (ali no quarto).
15. "Cinco anos vão passar.
16. Vou vir tirar você" lhe disse (o demônio).
17. Ficou esperando cinco anos até que (o demônio) foi pegar ele.
18. Aí (esse homem) falou para a mulher: "Corte o meu cabelo!"
19. "Corte o meu cabelo!" Ritos associados com o luto.
20. Cortou o cabelo e esfregou (o corpo dele) com urucu*.
21. Naquela hora veio o demônio pegar ele.
22. Então disse: "Jã morreu (o homem) a quem você deu a prata".
23. "Ótimo! É você mesmo quem vai comigo" disse.
24. Pegou o homem nas suas mãos.
25. Levou ele para o mato e aí o comeu.



O Rio Içana perto da Missão

Salesiana